

Borges:

uma visão do mundo.

Um livro de areia na literatura latina

ALEXANDRE VENTURA, CAROLINA SAINT MARTIN,
JOANA MAIA E MÁRCIA RIBEIRO

Controverso. Amado e odiado. Cego, com uma visão magnífica do mundo. Artista das palavras, construtor de enigmas. Foi criticado e cultuado. Não era um latino dos mais puros: passou a maior parte de sua infância na Europa, onde seu pai procurava a cura para a cegueira, que também lhe atingiria um dia.

Sempre soube que seria escritor. Negou a tradição militar de sua família. Seguiu o caminho dos livros. Apaixonou-se por eles. E, tanto fez, que muitos se apaixonaram por sua obra. Sua idéia de paraíso era uma biblioteca. Encheu seus livros de mistério e metafísica. Não foram poucos os leitores que se perderam em seus labirintos cheios de tigres, espelhos e máscaras.

Nasceu na Argentina, que mantinha por ele um amor ambíguo. Admirado por seus livros, detestado por sua postura política, surpreendeu até na hora da morte. Escolheu ser enterrado na Suíça. Recusou-se a morrer como "o outro", aquele que era um monumento argentino. Preferiu ser ele mesmo, que sonhava ser invisível. Jorge Luís Borges, um viajante cosmopolita, cuja única pátria foi a literatura.

O amor, o sabor da fruta e a água

Tigres, labirintos e espelhos foram obsessões da infância de Borges, que se

transformariam mais tarde nos temas constantes de sua produção literária, mistura de fantástico e realidade num jogo de signos.

Desde a infância, era fascinado pela exuberância e força dos tigres. Nos espelhos, o poeta sempre via algo de terrível. Sua imagem refletida era um terror diário, uma ameaça contínua.

Outro temor de Borges eram as máscaras. Em seus sonhos, se via refletido em um espelho com uma; tinha medo de arrancá-la, porque veria seu verdadeiro rosto, que imaginava medonho.

Seu pesadelo mais freqüente era com um quarto fechado, sem janela e com uma única porta, pela qual se chegava a outro, idêntico ao primeiro; pelo segundo se chegava a um terceiro, igual ao anterior, e assim indefinidamente. O ambiente era iluminado por uma luz branca que lhe mostrava um interminável labirinto, o qual ele percorria até que despertasse. "O labirinto é o símbolo mais evidente do estar perdido. Sinto-me perdido tantas vezes (...)"

Baseado nessa sucessão de imagens - labirintos, espelhos, tigres - Borges elaborou metáforas estéticas e filosóficas em sua obra; um conjunto de símbolos fantásticos que representam o infinito universo da alma de cada homem.



O próprio Borges definiu seu estilo literário como "algo tão evidente, tão imediato e tão indefinível como o amor, o sabor da fruta e a água".

Em *História natural da infância*, seu primeiro livro de contos, Borges criou vidas imaginárias para nomes famosos da época, como Hitler e Stálin. Essa "técnica" seria repetida em outras obras, criando um "jeito borgiano" de escrever, de criar, de ver.

Sua poesia é povoada de feitos heróicos e citações eruditas. Borges tinha a convicção de que o poeta não descobre algo novo, e sim recorda algo esquecido. O poema se justifica pela possibilidade de captar o instante do êxtase, tanto em sua criação quanto na leitura. Borges privilegia a musicalidade e a experiência estética própria do poema, porque, para ele, a poesia é algo que se sente.

A biblioteca é um mundo

Exótica e original, sua literatura é até hoje alvo de críticas e elogios. Seus contos foram considerados por Ítalo Calvino "a última grande in-

venção de um gênero literário". Seu estilo era tão controverso que o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez declarou que "apesar de detestar Borges, carregaria um livro seu no bolso por toda a vida".

Assim como Borges utilizou em sua produção literária citações e referências a outros autores e obras, Umberto Eco homenageou o escritor argentino no *best-seller* *O nome da rosa*, com o personagem Jorge de Burgos: o guardião cego da biblioteca onde ocorre um grande incêndio. Um dos poucos livros salvos do fogo é o conto "A biblioteca de Babel", de Borges.

Os dois autores destacaram em suas obras a biblioteca como um mundo particular, mas com uma diferença: entre o homem e a soma de conhecimentos que é a biblioteca, Borges elege o conhecimento; em *O nome da rosa*, quando a biblioteca é queimada, Eco salva os homens.

A biblioteca como um universo alternativo, que pode ser reduzido a um único livro que contém todos os outros, é a opinião de quem se considerava mais um leitor do que um escritor: "O importante é o fato estético, ou seja, no caso do escritor, sonhar e procurar ser fiel a esse sonho, fazer com que suas opiniões não intervenham naquilo que ele escreve, visto que são efêmeras e não têm maior importância".

Enigmas femininos

Nos textos de Borges, os homens matam e se matam pelas mais diversas razões: idéias, inveja, vingança, crueldade. Nunca, porém, por paixão. As mulheres quase não estão presentes em sua obra.

Se a crítica literária tende a considerar a escassez da presença feminina na obra borgeana como sintoma de aversão às mulheres, a realidade se mostrou diferente. Foram muitos os amores de Borges, em geral marcados pela insegurança e frustração; mas poucos influenciaram seu destino.

A mãe, Leonor, de personalidade forte e autoritária, mas sensível, teve papel fundamental na carreira de Borges. Decidiu desde cedo que ele cumpriria o destino de escritor famoso, que o marido não alcançara por conta da cegueira. Esteve ao lado do filho, lendo para ele praticamente até morrer, aos 99 anos.

Os espelhos e a cópula são abomináveis porque multiplicam o número de homens

Seu relacionamento mais marcante, e ao mesmo tempo desastroso, foi com Estela Canto. Ela encantou e assustou o poeta; a recusa de casar-se com ele não os impediu de manterem relações sexuais.

Maria Kodama, segunda esposa, constituiu um dos episódios mais controversos da biografia do autor. Kodama era assídua aluna dos cursos de Borges. Simboliza, para alguns críticos, a felicidade plena, tardiamente alcançada, enquanto outros a acusam de ter casado por interesses financeiros. Foi a mulher a quem Borges dedicou mais obras: seu nome é citado nos últimos livros do escritor, entre palavras abertamente ro-

mânticas. Herdeira oficial, Maria Kodama administra hoje o legado autoral e patrimonial de Borges.

O poeta acima do rei

Borges sempre preferiu literatura à política. Até o fim dos anos 70, período em que o mundo era dividido entre ideologias de esquerda e de direita, os escritores eram muito cobrados por suas posições. E neste ambiente, a postura do escritor incomodava a intelectualidade argentina, que o acusava de "estrangeirista", dedicado a escrever sobre sagas nórdicas e enaltecer as literaturas alemã, inglesa e americana.

Apesar de a política ser uma constante na família de Borges, ele optou por não deixá-la interferir em sua obra. "Eu nunca ocultei os meus ideais, mas nem por isso me rebaixei ao nível dos políticos. Ao contrário de minha mãe e irmã, que foram presas, eu decidi ser poeta, e não um ativista". Borges acreditava que um político deveria comprometer-se, ao contrário do poeta, que deveria aceitar seu destino como um rei antigo.

Seguindo seus princípios, o "brujo argentino" se opôs ao fascismo durante a Segunda Guerra, enfrentou o ditador argentino Juan Perón enquanto ele permaneceu no poder e apoiou os Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Nunca deixando, entretanto, que qualquer posição política afetasse sua literatura.

Uma biografia inventada

Na primeira vez em que falaria em público, Borges se sentou discretamente na platéia e permaneceu em silêncio. Em seu lugar, pediu para que um amigo lesse para a platéia um tex-

LATINO-AMERICANOS GENUINAMENTE EUROPEUS

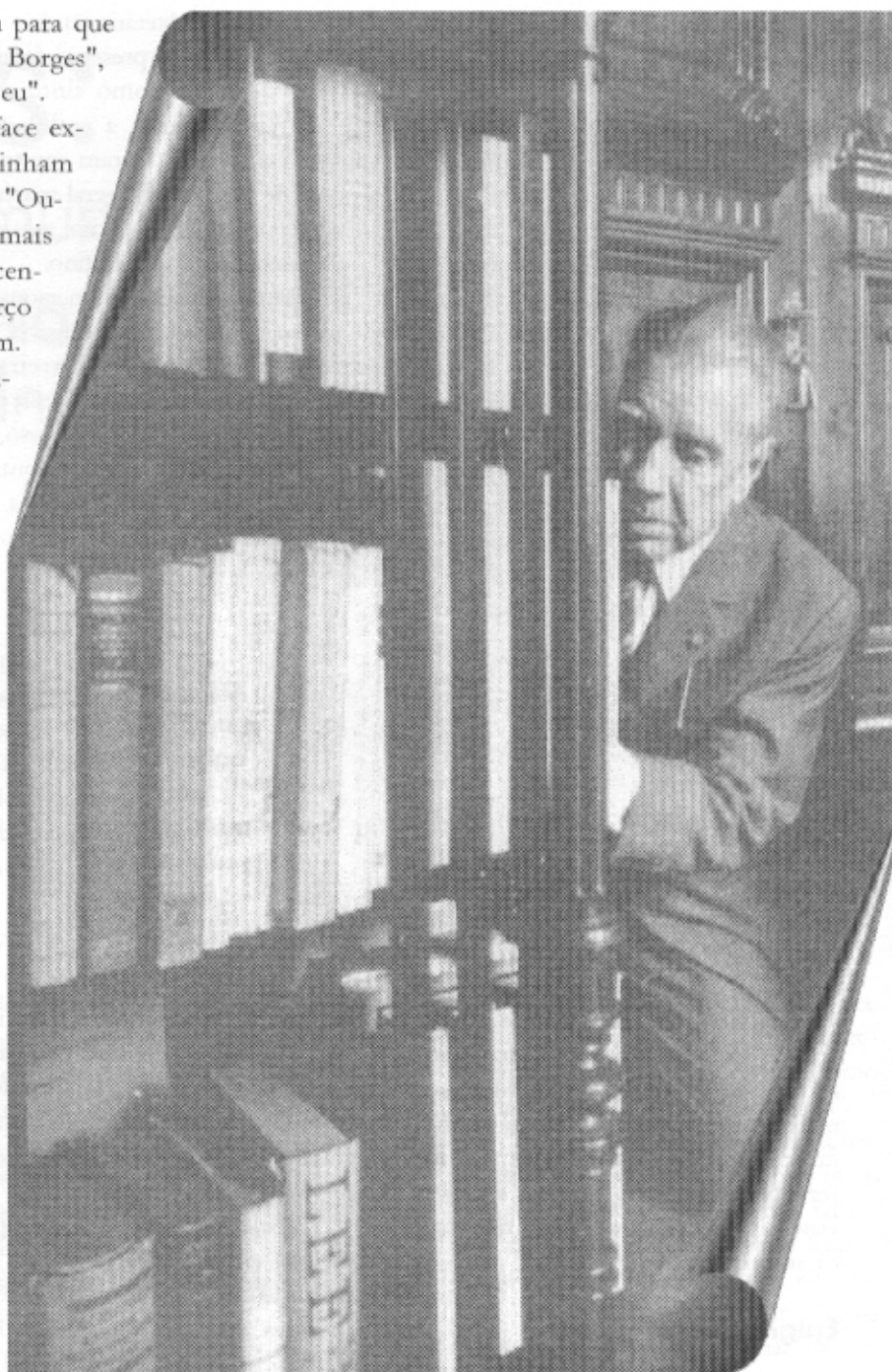
"Eu não sou, nem poderia ser, um escritor latino-americano. E nem sei até que ponto sou argentino. Na minha família há sangue inglês, espanhol, português e talvez judeu. Nasci aqui, e gostei. Mas daí a dizer que sou um escritor que pode ser situado geograficamente numa região determinada, me parece um disparate. Eu viajei muito, conheci romancistas, poetas e ensaístas chilenos, peruanos, brasileiros, colombianos, guatemaltecos etc. Mas nunca vi um "latino-americano" e ninguém se apresentou a mim como tal. Eles são, isto sim, escritores, poetas, ensaístas, ociden-

tais europeus desterrados, que escrevem por força maior num dialeto latino, como espanhol e o português. O resto é mera limitação regional que não aceito, porque não existe. Todos eles - como eu - são europeus: e isto é muito bom. Nós somos os únicos escritores europeus da Terra. Na Europa, eles são franceses, italianos, finlandeses, alemães, ingleses, mas nunca se reconhecem como europeus. Nós, pelo contrário, com nossa multidão de fantasmas, somos os únicos que podemos pensar na Europa como uma unidade, somos os únicos escritores genuinamente europeus".

to previamente escrito. A timidez serviu para que o escritor criasse seu alter ego, "o outro Borges", que ele descreveu no poema "Borges e eu".

O "Outro Borges" se tornou a face externa do Borges verdadeiro. Ambos tinham em comum a introspecção e a ironia. O "Outro", porém, tinha a vantagem de ser mais modesto, mais simples e menos transcendente, exigindo, portanto, menos esforço intelectual para que o compreendessem. Talvez, por esse motivo, tenha se tornado o "Borges" preferido pela grande maioria de seus biógrafos e críticos, embora seja difícil reconhecer nele o espírito sofisticado que elaborou as obras-primas que levam seu nome.

Não se sabe o momento exato em que o "Outro Borges" surgiu. Quando todos o perceberam ele já estava ali, ocupando o lugar do original. Ou, como o verdadeiro Borges se definiu: "Eu vivo, eu me deixo viver, para que 'Borges' possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica. Nada me custa confessar que ele criou certas páginas válidas, mas essas páginas não podem me salvar e, talvez porque o bom já não pertence a ninguém, nem mesmo ao outro, mas à linguagem ou à tradição. De resto, estou destinado a perder-me, definitivamente, e só alguns instantes de mim poderão sobreviver no outro. Pouco a pouco vou lhe cedendo tudo, ainda que eu conheça seu perverso costume de falsear e magnificar. (...) Assim, minha vida é uma fuga, e tudo perco, e tudo é do esquecimento e do outro".



A biblioteca de Babel?

(ENTREVISTA CONCEDIDA AO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, EM AGOSTO DE 1984)

Borges à contra luz

A cegueira jamais foi um empecilho para o escritor. Dono de uma memória fantástica, que lhe permitia guardar páginas inteiras de Dante, Maomé e Shakespeare, ele criava seus poemas e contos, memorizando-os até sentir que estavam suficientemente acabados para ditá-los.

Borges não simpatizava com o comunismo: "O fato é que eu cresci com a convicção de que o indivíduo deve ser forte e o Estado fraco. Não consigo apreciar teorias segundo as quais o Estado é mais importante do que o indivíduo".

Não gostava de futebol, preferia brigas de galo. Comentando sobre os ingleses e o fato de terem inventado esse esporte, disse: "Que estranho. As pessoas não querem a Inglaterra, e, no entanto, nunca lhe jogaram na cara o fato de terem inventado esses jogos estúpidos, como o futebol. É incrível não usar esse argumento, que seria muito forte, de terem enchido o

mundo com esses jogos tão estúpidos e puramente físicos".

Borges gostava de homenagens. Sua obra recebeu muitos títulos e condecorações, mas ele jamais conquistou o Nobel de Literatura, que tanto ambicionou. Seu nome era anualmente lembrado pela academia sueca, mas o prêmio nunca lhe fora concedido. O Nobel passou a existir em função do poeta, para lhe ser negado todo ano e receber seus comentários irônicos: "Sou um poeta velho e cego como Homero, que tampouco ganhou prêmios em sua vida".

Respostas extravagantes e bem humoradas faziam parte da personalidade de Borges. Ele gostava não só de brincar com a realidade, como também consigo mesmo. Toda vez que lhe perguntavam sobre sua condição de "mestre" da literatura contemporânea, e a influência que exerceu, por exemplo, em escritores latino-americanos, respondia: "Eu comecei como todos os escritores, sendo um gênio. Agora me resigno a ser Borges".